COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

DANÇA DE RODA

De **Arthur SCHNITZLER**
Encenação de **Rodrigo FRANCISCO**

Com:
Ana CRIS | André GOMES
Bartolomeu PAES | Catarina Campos COSTA
João FARRAIA | Joana FRANCAMPOS
Joana HILÁRIO | Miguel MARTINS
Pedro WALTER | Vera BARRETO

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

Av. Prof. Egas Moniz - Almada | Telf.: 212739360 | www.ctalmada.pt | geral@ctalmada.pt

No carrossel das relações sentimentais

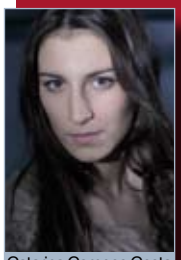
Dança de roda traz para os palcos a roda-viva das relações entre homens e mulheres, numa frenética dança de casais, instável e permissiva, com pares que se formam e desfazem de cena para cena, abordando de uma forma surpreendente as teorizações de Freud acerca dos impulsos sexuais e do consequente relacionamento entre as pessoas. A acção circular desta peça evoca a propagação da sífilis, uma doença sexualmente transmissível que era no final do século XIX um flagelo semelhante ao que é hoje em dia o HIV.

É na Viena que antecede a primeira Grande Guerra, uma Viena aparentemente (e apenas) tolerante às minorias de ascendência judia e pretensamente ancorada na modernidade, que Arthur Schnitzler escreverá *Dança de roda*, ferindo as sensibilidades morais, que proibiriam a sua representação. Nada era o que parecia, e é essa zona obscura, de opacidades de génese subconsciente, que Schnitzler (figura maior daquilo a que Gerald Stieg designa por "*movimento modernista nascido no seio dos judeus vienenses*") escolhe como tema central para toda a sua obra. Visando, por exemplo, os tabus sexuais, a obra de Arthur Schnitzler revela o mal-estar crescente de uma sociedade refém de códigos burgueses de civilidade e de ambições de ascensão social que inelutavelmente vão participar do horror antisemita que o século XX testemunhará.

Mais de 100 anos depois, a actualidade dos temas abordados por Schnitzler é inegável, tendo várias obras suas sido adaptadas para o cinema, de que é exemplo o célebre filme *De olhos bem fechados,* uma adaptação de Stanley Kubrick protagonizada por Tom Cruise e Nicole Kidman.

Intérpretes

André Gomes


Catarina Campos Costa

João Farraia

Ana Cris

Joana Hilário

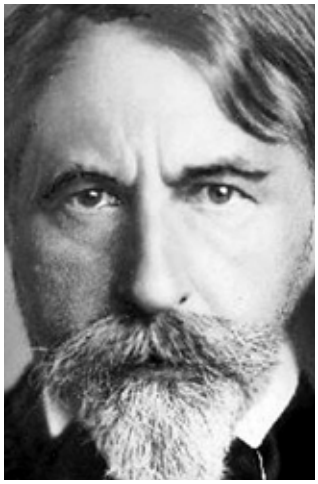
Joana Francampos

Miguel Martins

Bartolomeu Paes

Pedro Walter

Vera Barreto



Arthur Schnitzler (n. 1862-1931) era filho de um famoso médico austríaco e por isso cresceu num ambiente em que se cultivava a poesia, a pintura e a literatura: o seu pai, devido à sua profissão, recebia em casa importantes personalidades da cidade. Talvez estimulado por este ambiente, Schnitzler começou a escrever com apenas 9 anos. A sua primeira grande tentativa na escrita foi em 1872 e chamava-se *Aristokrat und demokrat (Aristocrata e democrata)*, provavelmente influenciado pela peça *Tempestade e tensão,* de Schiller. Antes da publicação de *Anatol* em 1893, Schnitzler tinha já escrito cerca de 30 peças, quinze fragmentos dramáticos e um largo número de poemas.

Forma-se em medicina, em 1885, pela Universidade de Viena. Nos três anos seguintes foi assistente de um cirurgião. Interessa-se pelo estudo da psiquiatria, participando em congressos científicos de vários países. Exerce a profissão até 1894, quando decide dedicar-se à literatura. Como escritor, fica conhecido com a publicação de *Anatol* e *Dança de roda*, peças de teatro que descrevem a atmosfera de erotismo e melancolia da Viena do fim-de-século. Como escritor e também como psiquiatra, Schnitzler partilhava algumas ideias com o criador da psicanálise, Sigmund Freud, com quem trocou correspondência.

Dança de roda, dança da morte – ou sobre Berlim e Viena*

por Sol Liptzin

A escrita de Schnitzler é em grande medida uma expressão da sua ânsia pela vida e as suas preocupações com a morte. Não se pode dizer que tenha sido um poeta alegre. A morte espreita sempre por detrás das falas divertidas e das ligações levianas das suas personagens. E muitas vezes surge inesperadamente, no meio da mais animada das festas. Schnitzler lembra-nos repetidamente que todos os actos e relações são transitórios, e que estão destinados a terminar num piscar de olhos. É esta consciência da omnipresença da morte que muitas vezes confere às suas obras o característico *pathos* que associamos ao seu nome.

Nos seus textos o chamamento da vida é ainda mais sedutor quando alguém está à beira da morte. As suas personagens procuram então viver os momentos fugazes com tal arrebatamento que não sobra nada para o futuro imediato. A pergunta que mais assombra as suas mentes é a de como tornar mais longos os breves dias que temos de vida – como, com o mínimo de esforço e empenho psíquico, aproveitar ao máximo o que cada instante tem para oferecer-nos. (…)

O melhor exemplo do tom sardónico de Schnitzler pode ser encontrado na sua *Dança de roda*, a peça escrita no Inverno de 1896-97 e, após um longo período de hesitação, impressa em 1900, para circulação privada entre o seu círculo de amigos. Só em 1903 permitiu a sua publicação – e só em 1920 permitiu que fosse levada à cena, dado o receio de que o texto fosse mal compreendido, ou propositadamente mal interpretado.

A *Dança de roda* consiste numa série de dez diálogos que ilustram a dança da sexualidade. Tal como a dança da morte, que os artistas medievais tanto gostavam de retratar, à dança do sexo pode também atribuir-se o estatuto de universal. Através de um conjunto de diálogos desencantados e melancólicos, Schnitzler procura representar a insignificância, a brutalidade, e o absurdo das relações sexuais quando não passam de um acto físico, privado de qualquer conteúdo afectivo. Com uma acuidade quase dolorosa, disseca aquilo a que alguns chamam *amor*, mas que para ele não passa de uma horrível dessacralização desse termo sagrado. Aponta o quanto da vida humana se desperdiça na perseguição de um mero momento de prazer, assim como a ninharia que tal experiência deveria significar para a generalidade das criaturas pensantes, e quão horríveis e inevitáveis são as desilusões que tais momentos proporcionam quando se esgotam. Com uma coragem espantosa, desfaz as máscaras hipócritas que ocultam a sexualidade. Com uma franqueza notável, revela a técnica do jogo do sexo levado a cabo por aqueles que procuram concretizar os seus desejos físicos sem que tal implique a participação das suas personalidades psíquicas. Schnitzler mostra a forma como o homem persegue a mulher até conseguir despertar nela uma perigosa onda de emoções, e a forma como depois a enxota para longe. Retrata as mulheres para quem, sejam elas caçadoras ou presas, a experiência sensual acaba sempre na desilusão completa. Dá-nos a conhecer o jovem que julga estar prestes a mergulhar numa emocionante aventura mas que, no final, se sente ridículo e envergonhado. Vai buscar as suas personagens aos vários estratos sociais e com as mais variadas histórias de vida, e descreve-nos cada uma delas como sendo igualmente deplorável. Os diálogos acontecem entre a prostituta e o soldado, o soldado e a criada, a criada e o menino-bem, o menino-bem e a jovem casada, a jovem casada e o seu marido, o marido e a doce burguesinha, a doce burguesinha e o poeta, o poeta e a actriz, a actriz e o conde, e, por fim, o conde e a prostituta. O humor de Schnitzler nestes diálogos está mergulhado em tristeza. A sua alegria é matizada por uma profunda melancolia. O médico e dramaturgo de bom coração lança um olhar sobre a nossa sociedade doente e aflita, na qual os instintos saudáveis são reduzidos a meros desejos egoístas, e as paixões trágicas degeneram em vícios mesquinhos. (…)

Nos últimos anos da sua vida, Schnitzler fala e escreve apenas pelo gozo dessas actividades em si mesmas, sabendo de antemão o absurdo que significava tentar convencer os que o liam, ou alterar as suas acções. O céptico por natureza mantém-se aparte do conflito de interesses que devasta a Europa do seu tempo. O pregador da tolerância retira-se de um mundo em que a intolerância cresce. O internacionalista olha de soslaio para o ressurgimento de um nacionalismo virulento. O bondoso médico abana a cabeça sinistramente, à medida que vai reconhecendo os sintomas febris de ódio que ameaçam apossar-se de países inteiros. O mestre de literatura evade-se da desagradável atmosfera de pós-guerra. Transpõe para os séculos anteriores os enredos dos seus últimos dramas. Escreve, não para a sua geração, mas para os vindouros: *"Escrevo para os vindouros. Só eles são meus amigos. O que perturba as pessoas é que eu ainda estou vivo. Têm razão. A nossa permanência no Mundo falsifica a nossa verdadeira natureza. A nossa vida é uma máscara que se nos cola à cara. Mas quando se tira esta máscara, então o que fica é o que realmente existe, não para o Mundo em geral, mas apenas para nós"*.

*In *Schnitzler*; Ariadne Press, Riverside: 1995.

15 DE MARÇO A 1 DE ABRIL

QUA a SÁB às 21h30 | TER e DOM às 16h00

SALA PRINCIPAL | M12

Preço de grupo 6€

jantar + espectáculo 14€

Informações e Reservas: João Farraia: 92 671 20 34 | Miguel Martins: 96 496 00 05 | Pedro Walter: 96 354 95 75